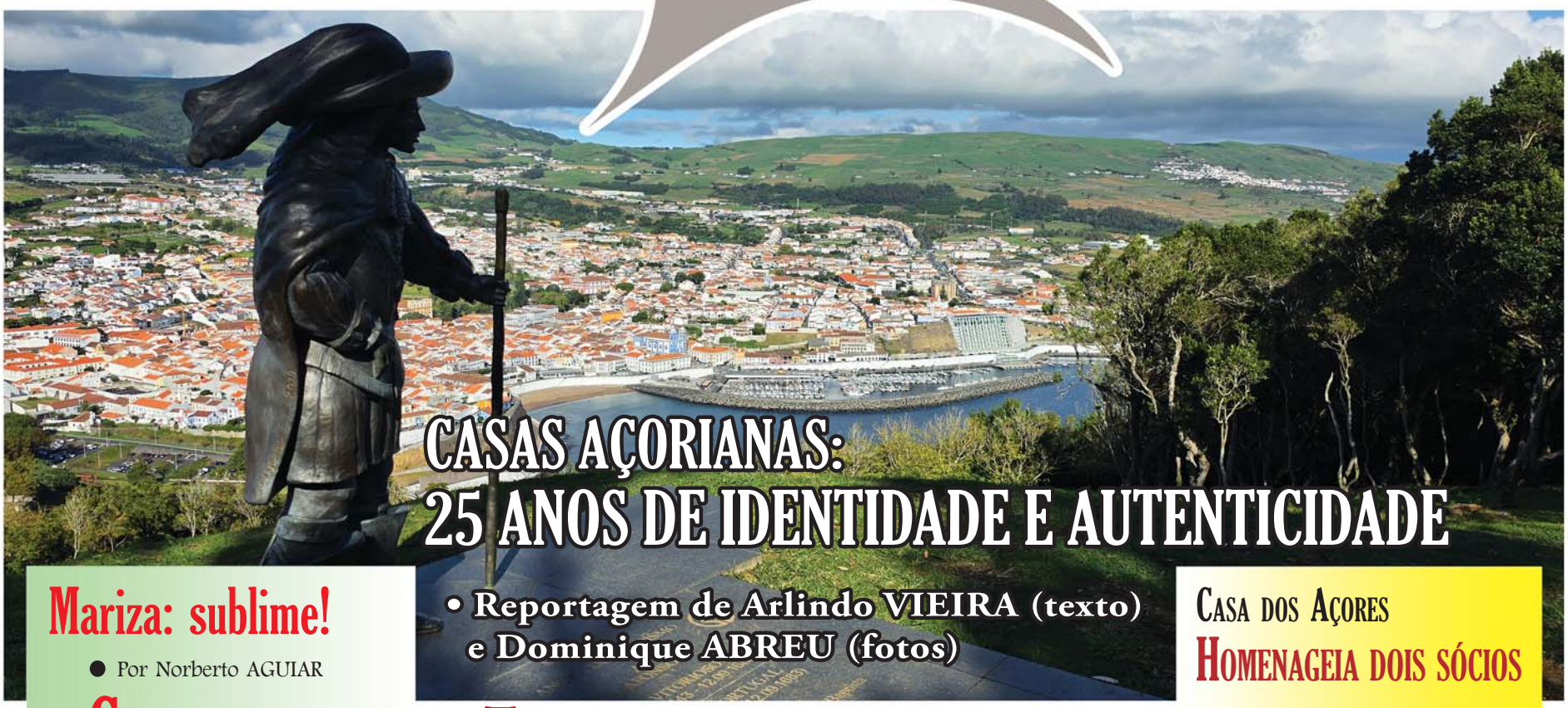
LE JOURNAL DE LA LUSOPHONIE

Vol. XXX • N.° 576 • Montreal, 5 de novembro de 2026

LUSO PRESSE

ÉDITEUR: NORBERTO AGUIAR

WWW.LUSOPRESSE.COM



CASAS AÇORIANAS: 25 ANOS DE IDENTIDADE E AUTENTICIDADE

• Reportagem de Arlindo VIEIRA (texto) e Dominique ABREU (fotos)

TERCEIRA, Açores - Em nome do LusoPresse e da LusaQ TV, coubenos assistir ao Encontro Anual das Casas Açorianas – Associação de Turismo em Espaço Rural, que decorreu, de 22 a 25 de outubro, nos municípios de Angra do Heroísmo e da Praia da Vitória, na Ilha Terceira.

Esta iniciativa assumiu este ano particular significado por coincidir com o 25.º aniversário desta associação que se orgulha de promover a valorização do património rural, das tradições e da hospitalidade açorianas.

Constatámos, porém, que partir nesta época do ano, de Montreal para a Ilha Terceira, não é brincadeira. Foram necessários três voos, três etapas e muitas horas de aeroportos e de esperas: uma verdadeira maratona aérea que pôs à prova a nossa resistência física e a do cameraman Dominique Abreu, meu comparsa de aventura e de reportagem.

Felizmente que há recompensas que justificam todos os sacrifícios, pois quando, finalmente, se pisa o solo terceirense, esquece-se o cansaço para dar lugar ao prazer de redescobrir uma ilha onde se cruzam, a cada passo, a paisagem, a riqueza do seu património histórico, as tradições e a hospitalidade das suas gentes.

Sob o lema «Rumo: Como voltar ao crescimento?», o encontro reuniu empresários do turismo rural, responsáveis políticos, especialistas, representantes de companhias aéreas e operadores turísticos, numa reflexão sobre os desafios que atualmente se colocam ao turismo dos Açores e sobre as estratégias de promoção, as acessibilidades e a capacidade de recuperar mercados.

Continua na página 3

Mariza: sublime!

● Por Norberto AGUIAR

Com esta, foi a nona vez que Mariza veio ao Quebeque.

Ela começou pelo Festival Internacional de Jazz de Montreal, passou pelos palcos do Théâtre Outremont e Place des Arts, para finalmente pisar o famoso palco da Maison symphonique. Foi a segunda vez que isso aconteceu. E das duas vezes o Olimpo da música no Quebeque encheu por completo.

No domingo, dia 25 de outubro, foram mais de duas mil pessoas que, em transe, assisitiram ao concerto da atual Diva do Fado português!

Anunciado para uma hora e um quarto, o espetáculo prolongou-se por cerca de duas horas. Por vontade e desejo dos milhares de assistentes, é verdade, mas também e igualmente por vontade da própria artista, muito sensibilizada pe-

Continua na página 8

Casa dos Açores Homenageia dois sócios

● Por Anália NARCISO*

Atualmente a celebrar o seu 48.° aniversário de fundação – desde julho passado -, a Casa dos Açores do Quebeque levou a efeito há duas semanas a esta parte, a sua 18.ª Semana Cultural. Para o efeito foram desenvolvidos esforços para que o evento tivesse o brilho de outras Semanas Culturais passadas.

Tudo começou na quarta-feira, dia 21 de outubro, com o destaque a ser a comemoração de mais um aniversário do Rancho Folclórico 'Ilhas do Encanto', grupo que faz parte da Caçorbec há precisamente 29 anos.

Completou o painel de atuações na quarta-feira, a Filarmónica do Divino Espírito Santo de Laval. O curioso é que

Continua na página 2





CASAS AÇORIANAS...

Continuação da pág. 1

A escolha do tema não aconteceu por acaso, pois é sabido que o turismo nos Açores, depois de ter avançado a passos largos pela estrada do crescimento, encontra-se agora numa grande encruzilhada sem saber muito bem quais rumos tomar. De facto, o setor atravessa um período de abrandamento, marcado pela diminuição da procura turística e, particularmente, pela perda de expressão do mercado nacional.

A sessão de abertura, que teve lugar no Auditório do Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo, foi capitaneada por Gilberto Vieira, presidente das Casas Açorianas, e contou com as intervenções da representante do Governo dos Açores, Berta Cabral, Secretária Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas, bem como de Fátima Amorim, Presidente da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e de Vânia Ferreira, presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória.

Pouco depois, foi a vez de um interessante bate-papo entre José Luís Elias, diretor/fundador do TURISVER e Rodrigo Rodrigues, presidente da Assembleia Geral das Casas Açorianas que abordaram as causas da quebra da procura e a necessidade de reforçar a promoção. Estava posta a mesa para o debate que se seguiu sobre o que fazer para retomar o rumo e recuperar o mercado nacional.

Alda Metrass, especialista em turismo e transportes, César Clemente, diretor comercial da DIT Portugal e Nuno Aleixo, diretor geral da Nortravel, foram algumas das autoridades na matéria que tiveram aí a oportunidade de esmiuçar os desafios do turismo açoriano em geral e do turismo rural em particular.

Os trabalhos da segunda jornada decorreram no Auditório da Escola Profissional da Praia da Vitória e começaram com a intervenção de Diniz Borges, um terceirense de gema e uma personalidade de destaque da diáspora açoriana na Califórnia, onde desenvolve uma longa carreira académica, literária e comunitária, incluindo a sua regular colaboração neste jornal. A diáspora como mercado estratégico e a visão dos emigrantes e os seus descendentes como potenciais visitantes e embaixadores dos Açores, foi o tema por ele abordado.

No debate que se seguiu, moderado por Gavin Eccles, experiente consultor em aviação, discutiu-se sobretudo a importância das acessibilidades e dos transportes aéreos num contesto insular. Nesse exercício de análise e discussão estiveram frente a frente Vera Gouveia Barros, especialista na área da economia do turismo e da economia da habitação, Bernardo Oliveira, administrador executivo do Grupo SATA, Alberto Mota Borges, diretor da ANA – Aeroportos dos Açores e Francisco Bettencourt, diretor regional da mobilidade. Num despique de ideias, marcado pela diversidade de perspetivas, ficou bem claro que não faltam soluções para as diferentes problemáticas na área dos transportes aéreos e da diferenciação do produto açoriano que terá de se focar nos visitantes principalmente interessados pela natureza. Cabe agora aos diferentes responsáveis e intervenientes no setor colher ensinamentos e inspiração nas reflexões apresentadas.

Já na parte final do encontro, os participantes puderam ouvir a intervenção de Carlos Abade, presidente do Conselho Diretivo do Turismo de Portugal, a autoridade pública responsável pela promoção, valorização e desenvolvimento do turismo em Portugal. A questão da captação de visitantes provenientes da Europa Central interessados pela natureza diferenciadora dos Açores foi a temática desenvolvida pelo orador.

O momento alto da sessão de encerramento ficou marcado pela entrega de diferentes distinções a pessoas ligadas ao turismo rural e que ao longo dos anos deram um contributo singular para o desenvolvimento da associação Casas Açorianas.

Pelos seus testemunhos ficámos a saber que o turismo rural e as Casas Açorianas, mais do que um negócio, são uma forma de mostrar a identidade e autenticidade dos Açores, o que outros tipos de turismo não podem oferecer. Como muito bem disse um deles, as Casas Açorianas têm alma, são paredes de paixão que contribuem para a açorianidade de forma inovadora.

Como é timbre neste tipo de eventos e promoções foram dadas aos participantes diferentes ocasiões para visitar alguns sítios incontornáveis da Terceira, como o centro histórico de Angra do Heroísmo, o belo jardim Duque da Terceira e o Monte Brasil, o pulmão verde de Angra onde se combinam maravilhosamente natureza, geologia, história militar e paisagem atlântica.

A comitiva dos convidados e jornalistas pôde também apreciar as Piscinas Naturais dos Biscoitos, um cenário de grande beleza, onde as rochas vulcânicas negras se encontram com as águas do Atlântico e, como não podia deixar de ser, a Serra do Cume, um dos lugares mais emblemáticos da ilha Terceira que oferece uma das panorâmicas mais impressionantes de todo o arquipélago dos Açores, cuja imagem mais conhecida é a chamada Manta de Retalhos.

Desde a imponência vulcânica do Algar do Carvão, passando pelas paisagens recortadas da Serra do Cume, pelas piscinas naturais dos Biscoitos, sem esquecer o património secular de Angra do Heroísmo, todos estes périplos foram ocasião para os participantes se tornarem embaixadores desta ilha de contrastes onde a memória da História se cruza com a força da natureza.

Para além de se regalarem os olhos, os participantes tiveram ocasião de se regalar com especialidades de diferentes espaços gastronómicos de referência da ilha, como o restaurante da Pousada de São Sebastião, dentro do histórico forte do mesmo nome, o restaurante da Associaçao Agrícola da Ilha Terceira, e o restaurante Pôr do Sal, situado junto às famosas piscinas dos Biscoitos.

Como esta crónica já vai longa, reservamos para outra edição a invulgar experiência vivida na Quinta do Martelo, uma quinta onde se repõe um ambiente rural Açoriano genuíno, a começar pelas construções e adereços, até à gastronomia, meio envolvente de usos e costumes.

Resta-nos, por hoje, agradecer à SATA-Azores Airlines o patrocínio que tornou possível a nossa participação e a oportunidade de dar a conhecer aos nossos leitores um pouco das reflexões em curso sobre a necessidade de encontrar um equilíbrio entre crescimento turístico e a preservação da identidade açoriana, nomeadamente através tradições insulanas e das vivências humanas proporcionadas pelas Casas Açorianas. LP



À DESCOBERTA
John Peters,
herói português na Guerra da Independência americana



Por Leonídio PAULO FERREIRA*

John Peters é menos famoso do que Peter Francisco, o "Gigante da Virgínia", sobretudo entre os luso-americanos, mas é um dos heróis portugueses da Guerra da Independência dos Estados Unidos e merece ser relembrado. Foi ferido em combate mais de uma vez. Recordo-o agora porque escrevi sobre este João Pedro (o nome foi americanizado, tal como aconteceu ao açoriano Pedro Francisco) num livro que publiquei recentemente sobre as relações históricas entre Portugal e os Estados Unidos. E agradeço a Onésimo Teotónio Almeida, professor emérito da Universidade Brown, que um dia me enviou a reprodução de uma notícia de um jornal das primeiras décadas do século XIX. É uma interessante fonte de informação sobre um luso-americano que terá nascido na região de Lisboa.

A notícia é o obituário de John Peters. Publicado a 1 de maio de 1832 no *Alexandria Gazette*, jornal da Virgínia, dava conta da morte, aos "100 anos, cinco meses e 23 dias", de um residente em Filadélfia, na Pensilvânia. Segundo o jornal, era um "patriota" que tinha participado na Boston Tea Party, em 1773. Nesse episódio, um grupo de colonos do Massachusetts disfarçou-se de índios e atirou ao mar carregamentos de chá, em protesto contra a política fiscal da Coroa britânica. Depois disso, John Peters combateu nas batalhas de Lexington e de Bunker Hill, ambas ainda antes da Declaração de Independência de 1776. Mais tarde participou noutras batalhas e chegou a combater sob o comando de George Washington e do marquês de Lafayette. O jornal refere que perdeu um dedo num dos primeiros combates e que sofreu um segundo ferimento noutra batalha.

A notícia da morte, ocorrida a 23 de abril de 1832, remete para a origem portuguesa ao dizer que nasceu "em Portugal, perto de Lisboa" e que emigrou "pouco depois do terramoto de 1755".

Pela idade indicada no *Alexandria Gazette*, John Peters terá nascido no final de outubro de 1731, quando reinava D. João V. Terá, portanto, emigrado para as colónias inglesas da América do Norte quando ainda andava na casa dos 20 anos. Acrescenta o jornal que o luso-americano deixou numerosa descendência. No site do Museu do Boston Tea Party, a informação extra é que John Peters em Boston foi marinheiro e dono de uma loja. Obteve a cidadania americana em 1807, acrescenta o Museu.

* Jornalista do DN. É doutorado em História e autor dos livros *Encontros e Encontrões de Portugal no Mundo* e *Portugal e os EUA – Um Puzzle Pessoal das Relações Luso-Americanas*. LP